

ANTECEDENTES LEGAIS E APLICAÇÃO EFETIVA

Embora a Constituição Chinesa afirme que os cidadãos têm “liberdade de crença religiosa”, apenas são autorizadas as “atividades religiosas normais”, ou seja, as que são controladas pela Administração Estatal dos Assuntos Religiosos e pelas Associações Patrióticas e que seguem os regulamentos nacionais. Isto significa prestar culto em locais registrados, com pessoal registrado e aceitando o controle da Associação Patriótica. Os que prestam culto fora desta estrutura são considerados “criminosos” e tratados como tal. No entanto, também as comunidades oficialmente registradas estão sujeitas a controles, restrições, proibições, caso sejam vistas como uma ameaça para o Estado, para o Partido Comunista Chinês ou para a estabilidade social. Apenas cinco comunidades religiosas são reconhecidas “oficialmente”: Budistas, Taoístas, Muçulmanos, Católicos e Protestantes.

Lei da Segurança Nacional

Desde 1 de julho de 2015, a situação tornou-se muito pior, depois de entrar em vigor a “Lei de Segurança Nacional”. O seu objetivo é proteger a soberania nacional e os interesses chineses, mas também a estabilidade política e social, abrangendo um leque alargado de áreas. As áreas mais importantes incluem: defesa, finanças, ciência e tecnologia, cultura e religiões. De acordo com responsáveis governamentais superiores, a lei é necessária para defender o país de “uma dupla ameaça”: externa e interna.^[1]

[1] AsiaNews.it, 1 de Julho de 2015

Durante o ano, a Frente Unida, uma frente popular constituída pelos partidos políticos legalmente autorizados no país, pela Administração Estatal dos Assuntos Religiosos e pelo próprio presidente Xi Jinping, emitiu diretivas para as religiões que implicam o seguinte:

- 1) Sinicização: um processo através do qual as religiões devem assimilar cada vez mais a cultura chinesa e extirpar “influências externas”;
- 2) Independência de influências externas, incluindo a nomeação ou ratificação de nomeações religiosas (por exemplo, no âmbito destas diretivas, a nomeação de bispos católicos não requer aprovação papal, pois o Papa é um líder de uma potência estrangeira);
- 3) Submissão ao Partido Comunista Chinês, que tem que orientar “efetivamente” e “vigorosamente” todas as religiões.^[2]

Ateísmo compulsivo para todos os membros do Partido

Durante o mesmo período, o boletim interno da Comissão Central de Disciplina e Inspeção do Partido Comunista emitiu normas que levaram a proibição dos membros do partido de serem filiados em qualquer comunidade religiosa. Durante a era dos presidentes chineses Jiang Zemin e Hu Jintao, os membros do Partido podiam praticar a sua fé em privado, mas não em cerimônias públicas. A diretiva emitida pelo

[2] AsiaNews.it, 21 de Maio de 2015; China Christian Net, 23 de Novembro de 2015; People's Daily, 24 de Abril de 2016; AsiaNews.it, 28 de Abril de 2016

atual presidente, Xi Jinping, é mais radical e não permite a prática de qualquer religião. Tal como referido numa circular do Departamento de Organização do Partido, isto aplica-se inclusive quando um membro se reforma do Partido.^[3]

O Partido também emitiu novas normas internas para punir os membros que acreditam em “superstições feudais”, como por exemplo o feng-shui, e em tentativas de prever o futuro, que são típicas do Taoísmo e do Budismo. Estas normas entraram em vigor em 1 de janeiro de 2016 e aplicam-se a todos os 88 milhões de membros do Partido. Se forem apanhados “organizando” ou “participando” em atividades religiosas, podem ser expulsos do Partido.^[4]

O Cristianismo como religião ocidental

Para combater qualquer “poluição espiritual”, ou influência do Cristianismo, no período até ao Natal de 2014 e 2015, foram proibidos em várias cidades os elementos “consumistas” do Natal “ocidental”. As festas de Natal, as árvores de Natal, os cartões de Natal foram também proibidos em universidades e escolas. Quase como que confirmando estas “preocupações”, em 6 de maio de 2014, a Universidade de Relações Internacionais e a Academia de Ciências Sociais publicaram um “Livro Azul”. Este identifica a religião como um dos quatro “desafios graves” à segurança nacional, argumentando que “forças ocidentais hostis estão infiltrando as religiões da China”.^[5]

O controle das “superstições” religiosas e da “poluição estrangeira” e “ocidental” alcança à Internet. É por isso que muitos sites cristãos, tanto católicos como protestantes, sediados na China e no estrangeiro, foram bloqueados.^[6]

Novas regras para a construção de igrejas e cruzeiros

No meio da campanha de demolição de cruzeiros e igrejas, que teve início em 2013 na província de Zhejiang e que se propagou para Henan e Anhui, as autoridades de Zhejiang emitiram uma proposta preliminar com regulamentos para os edifícios religiosos. Os regulamentos de maio de 2015 especificam a cor, tamanho e localização das cruzeiros, e a altura dos edifícios: um edifício religioso não pode exceder 24m de altura; já não são autorizadas cruzeiros nas torres de sinos, o símbolo cristão tem que estar inserido nas paredes do edifício. Contudo, a sua cor não pode destacar-se e o seu comprimento não pode exceder um décimo do edifício. O Governo defendeu as suas ações dizendo que todas as cruzeiros e edifícios demolidos durante a campanha violavam os códigos de construção. Os católicos e os protestantes afirmam que muitos dos edifícios que receberam avisos de demolição foram construídos com todas as autorizações corretas e alguns até receberam

elogios das autoridades locais. Até março de 2016, mais de 2 mil igrejas e cruzeiros foram demolidas.

A campanha foi iniciada em 2013 com Xia Baolong, secretário do Partido em Zhejiang, que, de acordo com um relato, referiu que a linha do horizonte em Wenzhou, uma das cidades da província, tinha “demasiadas cruzeiros”. É importante lembrar que em 2013 se esperava que Zhejiang se tornasse uma plataforma de desenvolvimento econômico até 2020. A campanha para “embelezar” a região através da remoção de estruturas ilegais pode ter tido por intenção criar espaço para novos desenvolvimentos. De acordo com o Governo provincial, estas demolições afetaram algumas comunidades e cidadãos sem distinção, mas os dados mostram que a campanha atingiu principalmente lugares cristãos.

O secretário de Zhejiang, Xia Baolong revelou que a demolição de igrejas faz parte de um sentimento anticristão na província. Numa entrevista à agência de notícias de Xinhua, em 17 de fevereiro de 2014, ele anunciou que “forças hostis do ocidente” se infiltraram nas comunidades cristãs da província. Anteriormente, em julho de 2013, Baolong avisou o Partido de Wenzhou contra a influência da comunidade cristã clandestina. Em Wenzhou, os cristãos constituem 15% da população, maioritariamente pertencentes a comunidades não oficiais.^[7]

Minorias étnicas

As minorias na China são frequentemente caracterizadas como uma fonte de instabilidade. De acordo com o Presidente Xi, ao lidar com minorias há “três males” que é preciso combater: separatismo, extremismo e terrorismo. Para a China, as minorias mais perigosas são os uigures em Xinjiang e os tibetanos no Tibete.^[8]

Neste contexto, a China tentou obter ajuda das Nações Unidas e da comunidade internacional para combater os uigures predominantemente muçulmanos em Xinjiang, acusando-os de ligações à Al-Qaeda e de terem combatido na Síria para o grupo autodenominado Estado Islâmico (EI). Em novembro de 2015, na Cúpula do G20 na Turquia, o ministro dos Negócios Estrangeiros chinês, Wang Yi, pediu ao mundo que apoiasse a China na sua “própria guerra ao terrorismo”, ligando-a aos ataques terroristas em Paris.

Para o ministro Wang, “O papel de liderança da ONU deve ser ativado para combater o terrorismo e deve formar-se uma frente unida a este respeito.” Na sua perspectiva: “A China também é vítima do terrorismo, e reprimir o Movimento Islâmico do Turquestão Oriental (ETIM na sigla inglesa) deve se tornar uma parte importante do combate internacional ao

[3] AsiaNews.it, 26 de Maio de 2015; AsiaNews.it, 10 de Fevereiro de 2016; Ver também Global Times, 14 de Novembro de 2014

[4] AsiaNews.it, 4 de Janeiro de 2016

[5] AsiaNews.it, 14 de Janeiro de 2016

[6] South China Morning Post, 7 de Abril de 2015; BBC Chinesa, 7 de Abril de 2015; Xinhua, 4 de Março de 2015; China Youth Daily, 3 de Março de 2015

[7] AsiaNews.it, 20 de Maio de 2014; AsiaNews.it, 24 de Junho de 2015; AsiaNews.it, 24 de Julho de 2015; China Aid, 15 de Março de 2016

[8] James Leibold, “China’s Ethnic Policy Under Xi Jinping” in China Brief, 15.20 (2015) <http://www.jamestown.org/programs/chinabrief/single/?tx_ttnews%5Btt_news%5D=44496&tx_ttnews%5BbackPid%5D=789&no_cache=1#.V1gTiXJrjcs>; AsiaNews.it, 27 de Outubro de 2015

terrorismo". Deve se dizer que em Xinjiang há grupos uigures que pertencem ao ETIM, combatendo pela autonomia e por vezes realizando atos violentos. No entanto, a maior parte da população não é violenta e apenas pede autonomia efetiva.^[9]

Tibete

Durante décadas, para dominar a população do Tibete, a China tem implementado a colonização e militarização da região, transferindo centenas de milhares de chineses da etnia Han para trabalharem no planalto, que é defendido por milhares de soldados chineses. Desde setembro de 2011, Pequim tem lançado uma campanha para realizar "projetos-chave" para o desenvolvimento da região, desde o setor ferroviário às barragens, passando pela exploração do subsolo e a promoção do turismo. O grande desenvolvimento econômico e turístico combinado com a exploração de recursos minerais está mudando a face do Tibete e levando à marginalização do povo Tibetano, que é agora uma minoria. É por isso que muitos especialistas dizem que a China está implementando o genocídio cultural e religioso do Tibete.^[10] Em abril de 2015, o Gabinete de Informação do Conselho de Estado publicou um Livro Branco sobre o Tibete no qual rejeitou os apelos ao diálogo feitos pelo Dalai Lama e sinalizou a sua intenção de dar continuidade à política oficial do Estado.

Pequim não vai sequer permitir que o Dalai Lama, a autoridade suprema do Budismo tibetano, regresse ao Tibete, embora ele tenha renunciado a todos os seus cargos políticos e agora apenas reivindique um papel religioso. Tem havido campanhas sucessivas para desacreditar o Dalai Lama em relação à questão da sua sucessão. Em março de 2015, o recém-nomeado governador do Tibete, Padma Choling, fez um ataque verbal ao Dalai Lama, dizendo que ele "está profanando o Budismo tibetano. As suas posições mudam constantemente e ele agora diz que não vai renascer para evitar a interferência política. Mas isto é absurdo e contrário à religião". Numa entrevista em setembro de 2014, o líder do Budismo tibetano sugeriu que "não vai reencarnar quando morrer", dado que a figura do Dalai Lama "já teve os seus dias".^[11]

Em 30 de novembro de 2015, Zhu Weiqun, um alto responsável do Partido Comunista Chinês e presidente do Comitê de Ética e Assuntos Religiosos, disse que a China nunca vai desistir de ratificar as futuras reencarnações do Dalai Lama e de outras figuras religiosas.^[12] Em janeiro de 2016, o Governo chinês criou uma base de dados online para "verificar" todos os Budas tibetanos vivos. Apenas os que estão inscritos na lista oficial podem ser considerados como "Budas vivos" genuínos.^[13]

[9] AsiaNews.it, 16 de Novembro de 2015

[10] Ver por exemplo Jens Braarvig, "Iconoclasm – Three Modern Cases" in *Iconoclasm from Antiquity to Modernity*, ed. Kristine Kolrud e Marina Prusac (Franham: Ashgate, 2014), 153-170, p. 161

[11] AsiaNews.it, 10 de Março de 2015

[12] Global Times, 30 de Novembro de 2015; AsiaNews.it, 1 de Dezembro de 2015

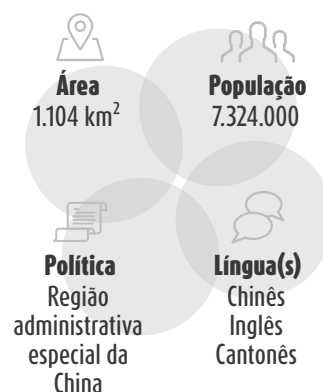
[13] AsiaNews.it, 16 de Abril 2015; AsiaNews.it, 20 de Janeiro de 2016

Esta situação resulta em atos de violência e detenções para os que rezam ou pedem o regresso do Dalai Lama ao Tibete. Esta forte pressão sobre a população e a religião desencadeou uma série de autoimolações, nas quais as pessoas incendeiam a si mesmas em protesto contra o regime comunista e pelo regresso do Dalai Lama ao Tibete. Desde 2009, quando estes protestos tiveram início, até maio de 2016, houve 145 suicídios.

Hong Kong

Budistas: 21%

Taoístas: 14%



Católicos: 5,4% (com estrangeiros: 7,9%)

Protestantes: 6,5%

Hindus: 0,5%

Siquismo: 0,1%

Religiões étnicas: 49%^[14]

Desde 1997 que Hong Kong foi reintegrado na China, mas os seus direitos e liberdade religiosa não foram afetados. Não há perseguição religiosa específica no território. Contudo, por causa do forte apoio dado ao movimento democrático pela Igreja Católica, em conjunto com as Igrejas Protestante e Anglicana, tem havido sinais de violência verbal e física contra membros da Igreja que contribuíram para o debate democrático e que participaram em manifestações.

Em 2014 e 2015, um dos acontecimentos mais importantes foi a campanha de desobediência civil "Occupy Central with love and peace", mais tarde designado "Revolução dos guarda-chuvas". Os manifestantes seguravam guarda-chuvas para se protegerem contra o gás lacrimogéneo, o gás pimenta e os canhões de água usados pela polícia para obrigá-los a abandonar os seus protestos passivos. Com início em 28 de setembro de 2014, o movimento ocupou zonas-chave no Almirantado, em Causeway Bay e em Mong Kok, que permaneceram fechadas ao trânsito durante mais de setenta

[14] Sources: Hong Kong Government Census and Statistics Department; Hong Kong Catholic Diocese

dias. Os protestos terminaram em 14 de dezembro de 2014 sem qualquer concessões políticas por parte do Governo, desencadeando em vez disso declarações do responsável executivo CY Leung e dos responsáveis do continente sobre o estado de direito e o patriotismo. Estas declarações foram seguidas por um ataque às liberdades acadêmicas e às liberdades civis dos ativistas.

INCIDENTES

Católicos

Sacerdote morto

O Padre Pedro Wei Heping, um sacerdote “clandestino” de 41 anos, morreu em 6 de novembro de 2015 em circunstâncias suspeitas. O corpo do clérigo foi encontrado flutuando num rio na cidade de Taiyuan, província de Shanxi. As autoridades alegaram que ele cometeu suicídio. No entanto, amigos e pessoas que conheciam o sacerdote afirmaram que é muito pouco provável que o Padre Wei pensasse na possibilidade do suicídio.

A família do Padre Wei apelou ao Governo chinês que investigue exaustivamente a causa da sua morte e publique as constatações “com rapidez e verdade”. Mas, no momento em que escrevemos, nada ainda foi feito pelas autoridades. O sacerdote tinha gerido a página de Internet católica Tianzhujiao Zaixian, que traduzia notícias do Vaticano, antes de ser encerrado pelas autoridades. Muitos suspeitam que ele foi morto por causa da sua oposição à Associação Patriótica Católica Chinesa.^[15]

Sacerdotes raptados pela polícia

Em 22 de março de 2015, a polícia chinesa deteve dois sacerdotes na cidade de Mutanjiang (Heilongjiang). Os dois clérigos, o Padre Shaoyun Quan, de 41 anos, e o Padre Jianyou Cao, de 43 anos, tinham acabado de celebrar Missa. Após a sua detenção às 10h30, foram levados para um local desconhecido. O Padre Quan, pároco, e o Padre Cao, seu vigário, serviam comunidades clandestinas que não são reconhecidas pelo Governo.^[16]

Sacerdote detido

O Padre Liu Honggeng, vice-reitor do santuário e paróquia de Nossa Senhora Rainha da China em Baoding, na província central de Hebei, “foi detido pelas autoridades locais, que o levaram sob custódia em 7 de maio de 2015 para prevenir a realização de peregrinações à sua igreja”, de acordo com uma fonte católica local. O sacerdote já tinha passado oito anos na prisão, tendo sido condenado sem julgamento por se recusar

a aderir à Associação Patriótica Católica Chinesa em 2006. Foi libertado em agosto de 2014.^[17]

Bispo dado como morto

A morte do Bispo Cosma Shi Enxiang foi comunicada em 30 de janeiro, mas as autoridades retiveram a informação durante mais algumas semanas. A família do prelado, que desapareceu enquanto estava sob custódia policial em abril de 2001, ainda está à espera do seu corpo ou pelo menos que lhe sejam entregues as suas cinzas. Ao longo dos anos, os membros da família pediram regularmente às autoridades notícias sobre o seu parente, mas nunca receberam qualquer resposta. Em 30 de janeiro, um funcionário da cidade de Baoding, o chefe da aldeia de Shizhuang, foi interrogado pela família e deixou escapar que o bispo tinha morrido. Uma vez que pareceu haver um atraso na devolução do corpo (ou das cinzas) do bispo, os familiares do falecido foram tentar saber mais informações junto do conselho municipal de Baoding, que respondeu que não sabia nada sobre a morte do Bispo Shi e que “o chefe da aldeia [que deu a notícia da morte] estava bêbado, ou tinha ouvido ou compreendido mal”.

A “negação” da morte do Bispo Shi por parte das autoridades levou os católicos locais a assumir que o Governo tem receio da reação dos fiéis à morte de um bispo após tantos anos de encarceramento sem julgamento.^[18]

Bispo em prisão domiciliária

Por dois anos consecutivos (de 27 de abril de 2015 a 2016), foi celebrada uma Missa em memória do falecido Bispo Aloysius Jin Luxian na Catedral de Sto. Inácio, no distrito de Xujiahui, Xangai, mas esta não foi presidida pelo Bispo Thaddeus Ma Daqin. Desde 2012 que o bispo auxiliar, agora o único na diocese, tem estado em prisão domiciliária no seminário de Sheshan. Foi destituído como bispo da cidade e proibido de levar a cabo os seus deveres episcopais em privado ou em público, porque na sua ordenação, que ocorreu na Igreja de Sto. Inácio, decidiu demitir-se do seu cargo na Associação Patriótica Católica.^[19]

Bispo obrigado a celebrar com bispos ordenados de forma ilícita

O Bispo Joseph Martin Wu Qinjing foi nomeado publicamente como Bispo de Zhouzhi, província de Shaanxi, em 10 de julho de 2015. Uma década antes, tinha sido ordenado Bispo de Zhouzhi com a aprovação da Santa Sé, mas sem autorização do Governo. Em setembro de 2007, a polícia colocou-o em prisão domiciliária em Xi’an. Embora possa trabalhar abertamente, a Associação Patriótica Católica obrigou-o a juntar-se a uma celebração eucarística com um bispo ordenado de forma ilícita sem mandato papal, o que é proibido pelo Direito Canônico. No ano passado, o Bispo Wu

[15] Cardinal Kung Foundation, 14 de Novembro de 2015; AsiaNews.it, 16 de Novembro de 2015

[16] AsiaNews.it, 22 de Março de 2015

[17] AsiaNews.it, 27 de Maio de 2015

[18] AsiaNews.it, 9 de Fevereiro de 2015

[19] AsiaNews.it, 27 de Abril de 2015; Eglises d’Asie, 3 de Maio de 2016

alegadamente concelebrou com o Bispo Ma Yinglin, presidente da Conferência Episcopal reconhecida pelo Governo.^[20]

Protestantes

Mulher enterrada viva

Em 14 de abril de 2016, Ding Cuimei, mulher do clérigo protestante clandestino Li Jiangong, morreu sufocada depois de ter sido enterrada viva quando tentava impedir que a sua igreja fosse demolida. O seu marido, que também foi enterrado, conseguiu sobreviver. O incidente ocorreu em Zhumadian, na província de Henan. Após o incidente, a polícia abriu uma investigação e deteve dois membros da equipe de demolição, pertencente a um empresário que queria o terreno para construção. Em 25 de abril, as autoridades emitiram um relatório que designou o local para uso religioso e decidiu que o terreno disputado onde o incidente ocorreu pertence à Igreja Beitou e ao seu pastor.^[21]

Pastor detido

Em 24 de março de 2015, o Pastor Huang Yizi foi condenado a um ano de prisão por se opor à renovação da cruz da sua igreja. Um tribunal em Wenzhou (condado de Pingyang, província de Zhejiang) condenou o pastor por “reunir uma multidão para perturbar a ordem pública”. O clérigo tinha sido detido em 2 de agosto de 2014, depois dele e alguns dos seus paroquianos terem tentado impedir a polícia de derrubar a cruz da Igreja da Salvação, em Wenzhou. Huang Yizi é a primeira pessoa a ser condenada por se opor à campanha de demolição de cruzeiros.^[22]

Advogado detido

Em 25 de agosto de 2015, a polícia chinesa deteve um advogado cristão, Zhang Kai, de 37 anos, e o seu assistente estagiário Liu Peng, que estiveram envolvidos numa batalha legal contra as autoridades por causa da remoção de cruzeiros das igrejas na província de Zhejiang. Zhang Kai, um advogado de Pequim, tinha sido advogado de Huang Yizi, o primeiro pastor a ser detido por resistir à demolição da cruz da Igreja da Salvação, em Wenzhou. Deixou Pequim em Julho para trabalhar o tempo inteiro nos casos de remoção de cruzeiros em Wenzhou. Em julho passado, deu início a um novo grupo para trabalhar esta questão: Advogados pela Proteção da Cruz. Desde então, mais de 100 Igrejas procuraram o aconselhamento legal pro bono de Zhang, numa tentativa de protegerem as suas próprias cruzeiros. Em fevereiro de 2016, a página estatal de Internet Wenzhou Online acusou Zhang Kai de ser “o cérebro por detrás de uma série de encontros religiosos ilegais”, citando informação proveniente da Segurança Pública Municipal. O texto também acusava Zhang de “aceitar uma formação estrangeira, incentivando as pessoas a desafiar o Governo” e de “enganar as pessoas para obter

dinheiro”. O site descreve Zhang como um “criminoso suspeito” e cita uma alegada confissão. O advogado foi libertado em 23 de março de 2016.^[23]

Fiéis detidos

Em 25 de outubro de 2015, a polícia deteve quatro membros da Igreja Shouwang não oficial de Pequim, depois da congregação ter se reunido para rezar em público e solicitar o regresso à propriedade da Igreja. Os quatro receberam dez dias de detenção administrativa por “perturbação da ordem pública”. Em 2005, a Igreja apresentou um pedido de registro oficial, mas as autoridades recusaram-no. Desde 10 de abril de 2011, os fiéis foram forçados a reunir no exterior para o serviço religioso dominical.^[24]

Alunos cristãos expulsos da universidade

Em meados de dezembro de 2015, o Shandong Yingcai College, um instituto de nível universitário na província de Shandong, expulsou cinco alunos cristãos que foram considerados “culpados” de realizarem uma oração numa sala privada. Os cinco alunos são Li Binbin, Zhang Yaqi, Chen Huiyun, Ni Wangjie e Chen Ping. Um sexto aluno que estava com eles, Jia Rong, não foi penalizado. Um aspecto perturbador nesta história é que a denúncia tenha sido feita provavelmente por um colega: a polícia local foi à universidade depois de receber uma fotografia do grupo em oração. O nome da pessoa que tirou a fotografia é desconhecido, mas, de acordo com algumas fontes, um jovem da Liga da Juventude Comunista é provavelmente o responsável. Do ponto de vista legal, as expulsões foram baseadas numa ordem emitida umas semanas antes pelo Departamento de Educação da província de Shandong. Este informou as faculdades e universidades que “os encontros religiosos envolvendo três ou mais pessoas” eram considerados “ilegais”. Neste sentido, os responsáveis universitários expulsaram os alunos devido a “atividade de natureza religiosa”. Esta expulsão faz parte de uma campanha governamental mais alargada contra a “poluição espiritual” alegadamente proveniente do ocidente.^[25]

Taoístas

Campanha contra o feng-shui

Em janeiro de 2015, as autoridades na província de Shanxi começaram a reprimir o feudalismo rural e a superstição, tendo por alvo sobretudo os mestres de feng-shui e os xamãs, personalidades típicas nas religiões tradicionais chinesas. O Governo atacou especificamente as zonas rurais, onde as equipas de inspeção realizariam visitas surpresa, procurando qualquer coisa que violasse as políticas religiosas da China.^[26]

[20] AsiaNews.it, 10 de Julho de 2015

[21] AsiaNews.it, 19 de Abril de 2016; AsiaNews.it, 3 de Maio de 2016

[22] AsiaNews.it, 25 de Março de 2015

[23] China Aid, 25 de Agosto de 2015; AsiaNews.it, AsiaNews.it, 28 de Agosto de 2015; 31 de Agosto de 2015; AsiaNews.it, 26 de Fevereiro de 2016; South China Morning Post, 26 de Fevereiro de 2016

[24] Voice of America, 27 de Outubro de 2015; AsiaNews.it, 28 de Outubro de 2015; China Aid, 28 de Outubro de 2015

[25] China Aid, 18 de Dezembro de 2015; AsiaNews.it, 19 de Dezembro de 2015

[26] Shanghai Daily, 22 de Janeiro de 2015; AsiaNews.it, 22 de Janeiro de 2015; Ucanews,

Em dezembro de 2015, a Comissão Central de Inspeção Disciplinar do Partido Comunista anunciou que Bai Xueshan, vice-presidente da Região Autônoma de Ningxia Hui, tinha “violado a disciplina política” e se tinha envolvido em “atividades supersticiosas organizadas”. Foi expulso do Partido. Bai, de 54 anos, caiu em desgraça por causa dos seus esforços para expandir a cidade de Wuzhong para norte, em direção ao Rio Amarelo, seguindo os princípios taoistas.^[27]

Muçulmanos

Proibido jejum do Ramadã

Funcionários públicos, estudantes e professores na região de Xinjiang foram proibidos de jejuar durante o mês sagrado muçulmano do Ramadã, que começou em 18 de junho de 2015. As autoridades ordenaram que os restaurantes se mantivessem abertos. Em alguns países, vigílias religiosas e atividades associadas ao mês, como por exemplo o Iftar quando o jejum é quebrado pelo jantar com familiares e amigos, foram proibidas.^[28]

“Terroristas” mortos

Em 14 de novembro de 2015, a polícia em Xinjiang anunciou que as autoridades tinham morto dezessete “terroristas” de três famílias, incluindo mulheres e crianças. Segundo as autoridades, as dezessete pessoas do grupo muçulmano uigure foram mortas quando os militares fizeram explodir a caverna na qual estavam escondidas. Os fugitivos eram procurados em ligação com um ataque terrorista à mina de carvão de Sogan em que morreram cinquenta pessoas. Durante quase dois meses, a polícia e os militares procuraram os dezessete suspeitos. Tursun Jume, de 46 anos, Musa Toxtiniyaz, de 47 anos, e Memet Eysa, de 60 anos, provenientes de Chokatal Meadow, condado de Bay, distrito de Kanchi, foram considerados os autores do ataque. Os outros que se encontravam com eles eram familiares.

Ekber, diretor da escola secundária do bairro de Terek que foi usada como base de operações durante a operação militar, disse: “Recebi uma chamada telefônica do chefe do Departamento de Educação do condado de Bay, que me disse que a guerra tinha acabado com uma grande vitória, que todos os terroristas tinham sido mortos e que podíamos regressar à escola secundária. Com base na lista do mandado, descobrimos que os dezessete suspeitos incluíam quatro mulheres e três crianças, uma das quais – Munire, de 9 anos – era uma das nossas alunas do segundo ano.” Munire era a neta adotada de Memet Eysa. De acordo com a polícia, as mulheres e as crianças não estiveram envolvidas no ataque terrorista.^[29]

Budistas

Genocídio cultural e religioso

Lobsang Yeshi, um pai de oito filhos com cerca de 60 anos, morreu em 19 de julho no Hospital de Lhasa, onde tinha sido levado após a deterioração da sua saúde na prisão de Ngulchul na prefeitura de Chamdo (Changdu) da Região Autônoma do Tibete. Lobsang Yeshi era o chefe da aldeia de Gewar, perto de onde fora construída uma mina chinesa. Ele e dois outros homens da aldeia foram condenados a dois anos de prisão pelo seu papel nos protestos um ano antes. Nenhum dos familiares e amigos de Lobsang Yeshi foi autorizado a ver o seu corpo.^[30]

Prisão e tortura

Tenzin Choewang e Yeshi Tenzin foram libertados em segredo em meados de março de 2015, mas, alguns dias mais tarde, morreram de feridas e torturas infligidas durante a sua pena na prisão. Os dois monges foram detidos em conjunto em 17 de março de 2000 no condado de Sog, juntamente com mais três monges, Ngawang Gyurmey, Khedup e Tsering Lhagon, além de um leigo, Thagru Yeshi. Estavam distribuindo folhetos que diziam “Viva o Dalai Lama”, “O Tibete é independente” e “China fora do Tibete”. Todas estas frases são “ilegais” perante o Código Penal em vigor no Tibete, que os considera como “atos de sedição”. O grupo foi julgado pelo tribunal popular local: Ngawang Gyurmey e Tsering Lhagon foram condenados a quinze anos; Khedup foi condenado a prisão perpétua; Yeshi Tenzin a dez anos; e Thagru Yeshi a sete anos. Foram formalmente acusados de “perturbação da estabilidade social”.^[31]

Na noite de 12 de julho de 2015, o monge tibetano Tenzin Delek Rinpoche morreu. Tenzin, que tinha 65 anos, tinha passado treze anos de uma pena de prisão perpétua na prisão de Mianyang, província de Sichuan. O clérigo, que era considerado como um símbolo da luta pela libertação do Tibete, sofria há muito de problemas de coração. De acordo com grupos de direitos humanos, este nunca foi devidamente tratado pelos seus carcereiros. Dois dos seus familiares tinham estado em Chengdu, capital de Sichuan, durante mais de uma semana, na esperança de visitarem o monge doente na prisão de Mianyang, mas não foram autorizados a vê-lo. Tinha sido condenado à morte em dezembro de 2002, juntamente com o ativista de 28 anos, Lobsang Dhondup, por um ataque em Chengdu que aconteceu em abril do mesmo ano. Uma explosão de bomba matou uma pessoa e feriu outra. Os responsáveis chineses recusaram-se a realizar um julgamento aberto (o que viola os requisitos legais) ou a divulgar o veredicto ou a acusação. Lobsang Dhondup foi executado em janeiro de 2003, enquanto a sentença do monge foi mais tarde comutada para prisão perpétua.^[32]

22 de Janeiro de 2015

[27] AsiaNews.it, 29 de Dezembro de 2015

[28] AsiaNews.it, 19 de Junho de 2015

[29] Radio Free Asia, 17 de Novembro de 2015; AsiaNews.it, 18 de Novembro de 2015

[30] AsiaNews.it, 24 de Julho de 2015; Radio Free Asia, 27 de Julho de 2015

[31] Phayul, 21 de Março de 2015; AsiaNews.it, 24 de Março de 2015

[32] Radio Free Asia 13 de Julho de 2015; AsiaNews.it, 13 de Julho de 2015; AsiaNews.it, 15 de Julho de 2015

Em 30 de outubro de 2015, o Tribunal Popular Intermédio da Cidade de Zhuhai, na província de Guangdong, condenou o líder budista Wu Zeheng por acusações relacionadas com as alegadas atividades do seu grupo religioso. Foi condenado por organizar ou usar um culto ilegal para minar a implementação da lei (doze anos), violação (prisão perpétua), fraude (catorze anos) e produção e venda de alimentos perigosos (seis anos). Wu foi também multado em 7,15 milhões de yuan (966.726 milhões de €). As crenças de Wu, incluindo o seu ativismo pelos direitos humanos, datam do seu tempo como líder estudantil no movimento pró-democracia de 1989. Conhecido como Mestre Zen Xingwu, Wu Zeheng fundou o grupo de inspiração budista Huazang Dharma no início da década de noventa. Inspirado pelos princípios da justiça e da liberdade, o grupo atraiu milhares de membros. As autoridades consideram-no como um grupo subversivo.^[33]

Autoimolações

Sonam Tso, mãe de cinco filhos, imolou-se no condado de Dzoegge para protestar contra o domínio chinês no Tibete e para exigir o regresso do Dalai Lama. Sonam morreu em 23 de março de 2016, mas a notícia apenas surgiu em 7 de maio, por causa das restrições impostas pelas autoridades comunistas aos canais de comunicação para a região do planalto. O protesto ocorreu perto do mosteiro de Sera. Desde 2009, quando este tipo de protesto teve início, até maio de 2016, houve 145 suicídios cometidos por monges, jovens noviços e leigos.^[34]

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

Há um crescente culto da personalidade em torno do presidente Xi Jinping, à semelhança do que se viu no caso de Mao Zedong, e uma luta cada vez mais evidente entre facções dentro do Partido Comunista. Estas facções estão ligadas a grupos de poder pessoal. Nos próximos dois anos pelo menos, é razoável prever um crescimento da retórica sobre “segurança” e “inimigos externos”. Neste caso, os grupos religiosos, em especial os cristãos, poderão esperar tornar-se bodes expiatórios. As provas apontam para um apertar do controle sobre as comunidades religiosas e em direção à “sinicização” obrigatória, isolando-os do resto do mundo.

[33] Global Times, 1 de Novembro de 2015; AsiaNews.it, 6 de Novembro de 2015

[34] AsiaNews.it, 9 de Maio de 2016